

O corpo pesquisador e o corpo pesquisado: os processos de inserção do pesquisador, para a construção coletiva junto ao movimento transexual de Londrina, de um veículo popular e comunitário de comunicação

Reginaldo Moreira¹

Resumo

O objetivo deste artigo é revelar a entrada do extensionista pesquisador/cartógrafo, do campo da comunicação popular e comunitária, no território trans. Quais as implicações e afetos múltiplos geram no corpo pesquisador e no corpo pesquisado, que também é pesquisador e vice-versa. A via de mão dupla dessas pesquisas concomitantes e a permissão das ativistas do movimento social, para nossa entrada no campo. A pesquisa se dá a partir das ações de extensão do Projeto “Plataformas Digitais: a produção comunitária de novas narrativas alternativas ao discurso hegemônico, como dispositivo de produção de novos sentidos”, em curso na Universidade Estadual de Londrina (UEL). O objetivo é a construção coletiva de um programa de rádio, cuja narrativa seja contra hegemônica à narrativa produzida pela grande mídia, que via de regra, as estigmatiza. Descobrir cada potencialidade na construção de uma nova narrativa, que possa interferir na construção de uma nova imagem das transexuais e travestis da cidade de Londrina, cidade do interior do Estado Paraná, interferindo no imaginário social acerca desta população. Para tanto a pesquisa utiliza-se da proposta metodológica da Cartografia Sentimental, de Sueli Rolnik, que se inspira na fonte cartográfica de Deleuze e Guattari. Toda inserção, afetações e agenciamentos, se transversalizam a partir do corpo pesquisador ao encontro com os corpos vibráteis e rizomáticos das trans, participantes do Coletivo Elity Trans. A metodologia teórica-pragmática-poética, da cartografia sentimental, possibilita que o pesquisador/cartógrafo narre em primeira pessoa as implicações com o campo. O processo de produção do programa de rádio já dura dez meses e os quatro primeiros programas para web rádio acabaram de ser finalizados. A produção de uma rádio revista eletrônica, denominada “É BABADO, KYRIDA!” é resultado de um processo de participação democrática, que reuniu as trans, os ativistas do Grupo Elity Trans, docentes e discentes da Universidade Estadual de Londrina e de outras universidades, tendo como eixo norteador a saúde integral da população trans e garantindo seu protagonismo. A narrativa alternativa em rádio visa revelar a diversidade de pontos de vista das pessoas trans sobre a realidade. O Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo, cuja expectativa de vida é de 35 anos. Diante destes dados alarmantes, o programa visa contribuir com a prestação de serviço à toda sociedade, esclarecendo sobre os direitos desta população, a fim de diminuir os estigmas sociais impostos e mostrar como pode ser rica a convivência com as diferenças.

Palavras-chaves: É babado, kyrida!; Elity Trans; Cartografia Sentimental.

¹ Docente do Departamento de Comunicação, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Doutor em Comunicação; email: regismoreiraregis@gmail.com

Introdução: A Proposta Metodológica

A cartografia sentimental (2007), de Suely Rolnik, é a proposta metodológica que me orienta neste artigo. Ela, que bebe da fonte de Deleuze e Guattari (2005), possibilita a validação das subjetividades como verdade científica, a partir dos afetos, dos corpos vibráteis e dos processos rizomáticos, que produzem sentidos a partir do experimentar na própria pele. Essa proposta não pressupõe hipóteses, nem objetos, nem início ou fim, o que a norteia são os processos, que vão sendo vivenciados, emprestando o olhar do pesquisador sobre o campo, num percurso que implica na produção de novos sentidos, eixos e conexões tanto na vida do pesquisador, quanto na vida dos pesquisados. Este artigo, retrata as afetações do campo em meu corpo pesquisador, que se descobre pesquisado pelas trans, a partir do momento em que me insiro nos em seus territórios vivenciais. Ledo engano a pesquisa que se propõe isenta, imparcial e distante, como se esse falso rigor a fortalecesse ou que a verdade científica estivesse atrelada a distanciamentos de um pesquisador observador não implicado.

Neste processo, o conhecer demandado será um conhecer militante, um saber que não pode deixar de ser singular, ou quase particular, que faça sentido para quem está no processo sob análise, e que poderá fazer sentido para os outros que compõem o cenário protagônico em interrogação. (MERHY, 2004, p. 13)

Para esta pesquisa, a inserção do pesquisador in-mundo é que valida as verdades dos corpos, tanto das pesquisadas, quanto do meu próprio, numa proposta contra hegemônica de produção do saber, que a mim é um caminho possível para tornar a ciência, de fato, potente e livre de academicismos, que se baseiam tão somente em conceitos representação, enquanto que a proposta cartográfica busca os conceitos vivência, sendo o pesquisador também um cartógrafo, e também, segundo Rolnik, um antropófago.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2007, p. 23)

Nós, seres vivos, estamos num processo de produção de vida e de mundo, por meio da criação dos sentidos que damos a eles. O real vivido é validado por nós por meio das

afetações, que constituem a realidade de como pensamos, somos e agimos. Nada é estanque na produção das vidas e dos mundos, mas processual. Não há começos e nem fins, mas caminhos. Não há qualquer tentativa de enquadramento ou formatação do que é intrinsecamente processual, que não perca as amálgamas, as ligações imbricadas, as conexões diversas, o rizoma apresentado por Deleuze e Guattari.

Um rizoma não começa, nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 37)

Nas conexões “e” desses processos rizomáticos, em que os corpos vibráteis potencializam os encontros, o sentimental proposto por Rolnik, está longe de significar sentimentalismos, mas traz no seu significado as relações de afeto, o estado de ser afetado por alguém, alguma causa, pelo território, pelo mundo.

(...) É bom lembrar que “sentimental” aqui não tem nada a ver com sentimentos e muito menos com sentimentalismo (...) O “sentimental” aqui tem mais a ver com afeto: cartografia do afetar e do ser afetado, dos corpos vibráteis de uma geração. Devir desses corpos. (ROLNIK, 2007, p. 231)

A validação da verdade por meio do saber militante e implicado, possibilita a existência da subjetividade na construção da ciência, por meio da proposta metodológica da cartografia sentimental, que é teórica, pragmática e poética. Esses processos de devoração antropofágicos e de retro-alimentação, possibilitam a ressignificação e a validação dos territórios, das verdades e das trajetórias de vida. Rolnik (2007) observa a transformação dos territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes, compondo-se e decompondo-se, em processos de territorialização e desterritorialização, para criação de novos mundos, por meio das paisagens psicossociais.

A construção do conhecimento singular desta pesquisa se dá por meio desta proposta apresentada, com o intuito de revelar a vista de um ponto e colaborar com a comunidade trans, com futuros pesquisadores e com a academia.

Primeiras cenas do aproximar do corpo pesquisador/cartógrafo dos corpos pesquisadx/cartografadx²: vias de mão dupla

A entrada no campo de pesquisa-ação-extensão é sempre uma delicadeza, cheia de nuances, que deslocam, territorializam e desterritorializam nossos corpos ao encontro com os outrxs, nossos desejos, nossos sonhos, nossas aspirações, nossas emoções, nossos sentires, nossos olhares, afecções múltiplas postas na mesa, para serem antropofagicamente deglutidas, engravidadas e transformadas em outros afetos... Dividirei o primeiro encontro em cenas, para melhor explicitá-las ao leitor.

Cena 1: Era uma tarde de sábado, coloquei-me como voluntário para ir ajudar a fazer o jantar no evento Unir para Trans-Formar Sul, encontro realizado na cidade de Londrina, nos dias 14 e 15 de julho de 2017, que reuniu lideranças do ativismo TT (travestis e transexuais), vindas dos três estados da região sul do Brasil. O encontro acontecia no Canto do MARL, uma ocupação do Movimento dos Artistas de Londrina, localizado no norte do Paraná. Cheguei um pouco tarde e a produção do jantar já estava bem adiantada. Coloquei-me à disposição para fazer o que fosse preciso e antes de mais nada, me dispus a cuidar da louça após o jantar. O grupo havia se deslocado para a Plenária Pela Igualdade Racial, que também acontecia na cidade, para apoiar Abelha Rainha³, uma das coordenadoras do evento trans. Na cozinha estávamos eu, Tuluia (uma travesti com mais idade), um outro rapaz (que eu não consegui identificar se era um gay ou um trans homem) e Tito, que era o cozinheiro chef daquele momento. Passadas as apresentações iniciais, resolvi então puxar um assunto, eu que sou gay, mas não sou trans; oriento trabalhos de pesquisa sobre trans, mas nunca havia estado tão junto com eles/elas, e nessa dicotomia de pertencimentos, pertencer à causa, porém de outra forma, de um outro lugar de certa forma historicamente privilegiado; vivo na pele um pouco de tudo o que se vive com relação à violência de gênero, porém nem perto do que os/as trans vivem, estava eu ali, puxando um papo para quebrar o gelo e falei de uma reportagem da Globo local, que havia me incomodado muito naquela semana, pois mascarava o crime de homofobia cometido contra um cabeleireiro da cidade, enquadrando o assassinato como

² Por vezes utilizarei o “x” para conjugar muitos verbos no plural, artigos, rponomes etc, que a gramática da Língua Portuguesa determina que sejam no gênero masculino, porém parte do movimento LGBT tem se utilizado do “x” para deixar sem gênero definido, ampliado esse leque.

³ Os nomes reais foram substituídos para preservação das identidades.

latrocínio, sem nem considerar as condições em que a vítima havia sido duramente torturada e morta. A reportagem dizia que o cabeleireiro havia saído de um bar, localizado numa avenida da cidade, sabidamente um bar LGBT, porém não citava esse detalhe. Depois narrava que ele havia dado carona para dois homens, na região da Catedral da cidade, conhecidamente como área de prostituição masculina, porém também não fazia alusão à questão dos michês. Falei do caso com indignação, pois o crime de homofobia não era considerado nem pela polícia, nem pelo jornalismo, que me parecia hipócrita ou mesmo homofóbico (e as questões com o jornalismo, com “j” minúsculo mesmo, me incomoda muito, por ser jornalista e professor de um curso que forma futuros jornalistas). Enfim, ao final da minha prosa, veio a primeira lambada, que me descolou completamente do lugar de onde eu estava falando, quando Tito, nosso chef, diz: - “Eu sou surfistinha! (referindo-se ao seu trabalho como michê). E não tem mais garotos de programa fazendo ponto perto da Catedral, eles se mudaram de lá. Ali só tem nória. Eu sou um dos poucos que ainda faço ponto por ali, porque falei com os nória para eles me respeitarem, que estou precisando trabalhar. Mas pelo que você disse, ele deve ter dado carona pros nória”. Eu me recolhi, diante de minha fala desatualizada e de quem não vive na pele a realidade da prostituição. Somente perguntei pra onde é que eles haviam mudado o local de trabalho, ao que ele não soube responder. A prosa continuou sobre violência entre clientes e michês, travestis e trans, em que eles e elas narravam as violências ocorridas, na maioria das vezes ocasionada pelo não cumprimento dos contratos e combinados iniciais. Fui totalmente deslocado de meu saber limitado, analítico, crítico, de quem não vivencia a prostituição para sobreviver. Era como que Tito tivesse me dito, nas entrelinhas: - “Você está querendo insinuar que os michês são criminosos?” Longe de mim querer dizer isso, mas era por um triz que não havia escapado algo que pudesse ser interpretado dessa forma. A preparação para o jantar transcorria e eu me colocava, cada vez mais, como ajudante do chef, que gostava do papel de coordenar como tudo se daria. Fiquei responsável pelo suco, ajudei a cortar as frutas e comprei duas caixas de bombons para sobremesa, ao que ele determinou: - “Vai ser um bombom para cada um”. E eu, ingênuo novamente, sugeri: - “Vocês não estão em quinze? Acho que dá para ser dois pra cada um”. Ao que ele me retrucou: - “Um para cada um! E se sobrar, a gente dá mais um. Você não sabe quanta gente vem para o jantar?” E eu coloquei no meu lugar rapidinho: - “Nada melhor que ouvir a voz da experiência”. A maioria dos ingredientes do evento tinham sido doados pelo Feirão do MST (Movimento dos Sem Terra), que havia acontecido há uma semana naquela ocupação. Dali algum tempo todos chegaram para o jantar. As trans traziam lanches, água e refrigerantes que haviam ganhado na Conferência Pela Igualdade Racial. Era uma rede de solidariedade. Além dos e das trans,

chegaram para o jantar muitos artistas de rua, que estavam pela cidade, apresentando-se nos semáforos e outros espaços públicos. Era uma riqueza de sotaques argentinos, chilenos, peruanos... Entendia a história de ser um bombom, compreendia a rede solidária que ali vibrava e comunguei com todos num prato de comida, que comi mesmo sem estar com fome, mas para não fazer desfeita e também não parecer que era o “nojentinho do rolê”. O ato antropofágico do comer, ali simbolizava a devoração das redes MST, MARL, TRANS, Ocupações, que se fundiam em mim e eu me sentia um pouco mais pertencente.

Cena 2: As louças começaram a surgir e por ali, a regra era para cada um lavar a sua, mas eu tinha me colocado à disposição para lavar de todos. E fui para meus afazeres. Certo momento sai da pia e quando voltei, quem estava lavando os pratos e talheres era a Abelha Rainha (coordenadora do evento) e eu tratei logo de dizer: - “Rainha, deixe que essa função hoje é minha e você deve estar cheia de afazeres para o Cabaré⁴”. Ela só me olhou e naquele olhar, quantos processos rizomáticos se fizeram ali. Era o corpo vibrátil da Abelha Rainha comunicando para mim: - “Agora eu entendi o que você veio fazer aqui”. Assim eu interpretei aquele olhar, que me autorizava a entrar na pia. E o nosso projeto dentro do Observatório, localizado no Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que se denomina “Plataformas Digitais: A Produção Comunitária de Novas Narrativas Alternativas ao Discurso Hegemônico, como dispositivo de Produção de Novos Sentidos”, ali, era buchinha e sabão. Nada mais analógico, nada mais verdadeiro. Quando se está no campo, não é somente o cartógrafo/pesquisador que está pesquisando, somos também pesquisados o tempo todo. E essa autorização para que possamos participar da cena, vem das sutilezas, dos deslocamentos, daquele olhar da Abelha Rainha. Aqui em Londrina (uma cidade de 600 mil habitantes), os docentes da UEL são mapeados e ganham certa autoridade, atribuída pelas pessoas. Isso, por vezes, prejudica um pouco o trabalho de campo. Quando há esse tom do distanciamento, é preciso, antes de mais nada desconstruí-lo e revelar outras nuances que a universidade tem para ofertar e receber. Há certa reclamação de pesquisas realizadas sem nenhuma devolutiva para os coletivos, como acontece em muitos casos e muitas instituições de ensino. Quebrar esse gelo inicial e construir uma relação horizontal de respeitabilidade, participação e confiança, são condições para as transversalidades múltiplas dos afetos e dos devires.

⁴ Após o jantar foi realizado um evento cultural, com performances, música e dança, denominado Cabaré, que encerrou o Encontro de Trans. Betinha Bafo, por ser atriz, estava toda envolvida com essa produção.

Cena 3: O Cabaré havia começado e a qualidade era surpreendente. Lindo, sensível, a arte de fazer muito com poucos recursos e tocar, tocar porque é íntegro, porque é intenso, porque é visceral. E naquele momento comecei a fotografar com meu celular e os amigos e amigas trans pediram para que disponibilizasse posteriormente na página do evento. Fiquei feliz, estava começando a ser plataforma digital por ali. Mas não pense que Abelha Rainha estava satisfeita com sua pesquisa sobre mim. Quando o som começou a ficar propício, ela veio me tirar para a dança, mas não pense você que era um simples “levanta e dança”, ela me desafiava, como que em passos da capoeira, como se me testasse, vendo até onde estava disposto a ir com ela na contradança, qual seria o meu limite para a entrega. E eu fui, com experiência de anos de Biodança, deixando a música me invadir e respondendo aos estímulos e desafios dela, que gerou uma dança bonita, harmônica, com movimentos de entrega.

Cena 4: Mais tarde, o Cabaré ia chegando ao fim, e Abelha Rainha veio até mim e presenteou com um lindo calendário, ilustrado com fotos de pessoas da cidade, entre elas, ela própria. Fiquei emocionado, ela me agradeceu com um beijo na testa e, ainda para saber qual era a minha e qual meu posicionamento diante da vida, falou: - “Ah, desculpe, deixei uma marca de batom em você. Seu marido vai achar ruim. Porque você é casado, não é mesmo?” No que eu respondi: - “Ihhh, tranquilo, tenho namorado, mas ele está em Curitiba esses dias, até ele chegar essa mancha de batom já saiu...” Rimos. Coraçõzinhos popularam pelos ares, como nos emotions digitais. Trans-bordadxs em trans-versos trans-formadores. Foi lindo! Foi intenso! Foi pura afetação!

A representação trans na mídia

A representação da população trans pela mídia ainda é calcada em estereótipos e estigmas, que, ou as invisibiliza, ou as vincula e veicula à marginalidade, à criminalidade, à disforias e desvios diversos, sem, na maioria das vezes, representar a pluralidade, a singularidade e a subjetividade que as compõem, contribuindo com a estigmatização histórica a essa população, gerando ainda mais preconceito e exclusão social, e, porque não dizer, ódio e fobias em relação aos e às transexuais.

Historicamente a população LGBT foi representada da pior forma possível. Os primeiros registros constam nos autos de processos policiais, em que a população LBGT era enquadrada enquanto criminoso. Junto a esses registros, a medicina tentava por métodos questionáveis, nos enquadrar como doentes. Foi somente no ano 1990, que a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial de Saúde

(OMS) e somente agora, em 2018, está em processo de revisão a realocação do capítulo de “transtornos mentais de identidade de gênero” para “condições relativas à saúde mental”, que prevê retirar as identidades trans e travestis do capítulo transtorno mental, porém na atualização do Código Internacional de Doenças (CID), da OMS, previsto para ser publicado este ano, elas ainda continuam como CID-11, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

Sobre tais representações históricas, os autores James Green e Ronald Polito, no livro “Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)”, revelam, entre outras coisas, a invisibilidade da população trans nos processos históricos, generalizando as trans e as travestis como homossexuais masculinos ou afeminados. Esses registros policiais e medicinais trazem toda carga de estigmas, na tentativa de criminalizar ou enquadrar esta população como doente, como perigosa, como vidas que valem menos. São nos registros policiais e da medicina que se encontram as primeiras representações da população LGBT e dessa união entre a medicina e o aparato jurídico-policial, surge o mesmo destino para encaminhamento dos homossexuais: o confinamento.

Os médicos tinham conceitos sobre o que era normal ou anormal, que os orientavam para caracterizar o homossexualismo como doença ou não. Tentavam discriminar os homossexuais como passivos, ativos ou mistos e procuravam também causas para explicar a existência de homens assim, fossem hereditárias, psicanalíticas, biotipológicas ou endocrinológicas. É extensa a aproximação entre médicos e aparato jurídico-policial, cabendo à polícia capturar homossexuais considerados delinquentes e entregá-los a pesquisadores do campo da medicina para “estudos”. Uma vez apanhados pela lei, os homossexuais teriam dois destinos distintos, mas idênticos do ponto de vista do seu resultado: o confinamento. Se o conhecimento médico atestasse sua “doença”, poderiam ser encaminhados para tratamento clínico específico; se não, poderiam ser tratados como criminosos comuns. E, se houvesse uma doença, os médicos também planejarão os “remédios” e as “profilaxias” possíveis ao caso. (GREEN & POLITO, 2006, p. 21)

Certamente, as experiências da medicina e as intervenções da polícia se deram, no Brasil, sobre a população pobre. Os LBGTs ricos eram poupados dessas estigmatizações e estavam “protegidos” dos deploráveis métodos empregados.

Tal como outros grupos oprimidos da sociedade, eles entraram para a história na precisa medida em que foram detectados, estudados e controlados pelos

grupos heterossexuais, dominantes desde sempre no conjunto social. Mais especificamente ainda, foram geralmente os homens pobres, lançados na mais absoluta miséria econômica, os que se viram investigados e esquadrihados pelas instituições policiais e científicas, sem terem nenhuma condição de se oporem a ter suas vidas e intimidade devassadas. Naturalmente, os homossexuais masculinos da classe média ou da burguesia do Brasil sempre puderam escapar do cerco policial e médico implacável que foi armado, durante quase todo século XX, buscando classificá-los e condená-los. (GREEN & POLITO, 2006, p. 17/18)

Na imprensa, os LGBTs continuam a ser registrados em jornais, de forma estigmatizada. Sempre da vista de um ponto de uma imprensa elitizada, composta por jornalistas e intelectuais, que de modo vertical, imprimiram seus olhares a esta população.

Como não é difícil de imaginar, a maioria das fontes acerca dos homossexuais masculinos não foi produzida por eles próprios. Com efeito, levando-se em conta os inúmeros preconceitos e perseguições sofridos pelas minorias sexuais, foram raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho acerca de sua condição, pelo menos até os anos 1960. (GREEN & POLITO, 2006, p. 17)

Algumas iniciativas de colunas na grande imprensa e boletins gays começam a surgir no final dos anos 70, mas foi somente com a fundação do jornal *Lampião de Esquina*, no ano de 1978, durante a ditadura militar, pós período do Ato Institucional (AI) 5, que um grupo de homossexuais consegue formatar um periódico mensal, revelando pontos de vista da população homossexual, para a população homossexual.

(...) O *Lampião* não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. (GREEN & POLITO, 2006, p. 183)

Porém, a de se destacar, que no grupo idealizador e produtor do *Lampião*, não há a participação de transexuais ou travestis, o que denota, que mesmo sendo uma conquista ao universo LGBT, deixava de fora, em sua estrutura pensante, a população trans.

O Lâmpião da Esquina teve duração até o ano de 1981 e fez parte de uma imprensa denominada alternativa e de resistência. A partir do fim da ditadura militar e da reorganização política democrática, as potentes ações dos movimentos sociais suscitaram por um novo tipo de comunicação, cujo conteúdo fosse realizado pelas pessoas que vivenciavam essas transformações, para a reconstrução das cidadanias, das lutas, das leis, tendo a Constituição Federal de 1988, como um importante marco; da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), entre tantas importantes pautas na reconstrução da democracia, maculada pelos 20 anos de ditadura militar.

A manipulação midiática, posta a serviço do controle social, esconde o fracassado e não bem sucedido, que é a maquinaria do capital. Tal maquinaria faz uso de uma lógica violenta, que não dá conta de suportar sujeitos de sua própria história e oferece somente as engrenagens esmagadoras de projetos, sonhos, identidades, singularidades, diversidades, pluralidades... A criação de novos imaginários sociais dos desobedientes, dos criadores da lógica da desobediência civil. Para dar conta de fazer um contraponto a essa fracassada e mal sucedida produção midiática manipulada e tendenciosa à manutenção do domínio da mesma velha elite dominante, são necessários dispositivos em que possam reconhecer esse não lugar da maquinaria do capital, como um novo lugar na estética do viver, de produção de novos cuidados e sentidos. É a desterritorialização e territorialização, a desconstrução de antigos mundos, para o surgimento dos novos potentes mundos, amplos de significados. Esses dispositivos de comunicação devem dar acesso às pessoas em situação de desobediência para que digam: eu tenho um lugar, eu existo!

Esse novo precariado produtivo luta para obter o “copyright” sobre sua própria produção cultural e imagem, sabendo que o agenciamento entre as diferentes esferas (favelas, universidades, movimentos, Estado) pode apontar para uma rede mais ampla de parcerias produtivas e profundamente transformadora da cultura urbana brasileira. (BENTES, 2009, p. 61)

Neste sentido a produção de um programa de rádio comunitário, participativo e democrático com a população trans da cidade de Londrina, tem o objetivo de produzir narrativas contra hegemônicas sobre a população trans, pela população trans e para a população trans, sem interferências de editores com visões verticais e estigmatizantes. O Projeto de Extensão Universitária, denominado “Plataformas Digitais: a produção comunitária de novas narrativas alternativas ao discurso hegemônico, como dispositivo de produção de

novos sentidos”, por mim coordenado, tem como uma das frentes de trabalho, o Grupo Elity Trans, com o objetivo de criar novas possibilidades de dizibilidades e visibilidades desta população.

Assim nasce o programa de web rádio É BABADO, KYRIDA!, com o objetivo de revelar a toda sociedade os pontos de vista da população trans sobre o mundo. De maneira participativa e democrática o programa foi sendo criado, desde os gêneros e formatos jornalísticos, a veiculação radiofônica, numa emissora web, a partir de uma revista eletrônica; quanto aos quadros, músicas... e todos os conteúdos que o vieram a compor. Nesse processo do fazer comunicação comunitária, é fundamental o “fazer com”, vigiando-se sempre com relação à herança colonizadora, neoliberal e um tanto facista, do “fazer por” ou do “fazer para”.

A revista é composta por diversos quadros. O quadro de esclarecimentos sobre assuntos relativos à população trans recebeu o nome de “É bafo, Mona”. Outro quadro é sobre denúncias da população trans, batizado de “Bota a Cara no Sol”. As dicas foram intituladas por “Almanaka”. Já a língua Pajubá, traduzida para a população, levou o nome de “Nossa Língua Pajubá”. O “Minuto Trans”, traz depoimentos sobre os processos de transformação de trans. Histórias da vida real são transformadas em radionovela, no quadro “O Exagero de La Piele”. “Sarau no ar” traz a produção poética trans. A enquete também se faz presente, como o nome “Da esquina” e a entrevista levou o nome de “Aquenda”.

O primeiro programa vai ao ar pela Alma Londrina Rádio Web - <https://www.almalondrina.com.br/>, a partir do dia 16 de junho, marcada por uma festa de lançamento. A periodicidade dos programas será quinzenal e ficarão disponíveis em podcast, em nossa veiculadora.

Grupo Elity Trans

O Elity Trans é um Grupo de Trabalho (GT), criado no ano de 2012, na cidade de Londrina, interior do Paraná, com a compreensão e a necessidade de organização da comunidade trans, diante da realidade devastadora de assassinatos e desassistências diversas, que esta população enfrentava. Desde então, o grupo de militância luta por uma sociedade mais justa e igualitária, por um mundo em que a convivência com as diferenças e os diferentes seja harmoniosa.

As principais lutas de resistência do grupo se dão contra a transfobia, a lgbtfobia, contra todo tipo de violência social à população trans, à garantia de direitos civis e pela saúde integral das trans. O desrespeito com a diversidade sexual são considerados crime contra o ser humano e a luta por uma vida digna, pelo direito de ser quem são, com todos os direitos garantidos pela Constituição Brasileira, de 1988, e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, datada de 1948.

Considerações finais

Foram tantas implicações, afetações e afetos entre os corpos pesquisados, tanto trans, cis, bi, homo, hétero, binários ou não... nesses dez meses de trabalho para criação do programa É BADADO, KYRIDA!, tantos entremeios, transversalidades e processos, que os corpos se somaram num só corpo: o programa de rádio web. Os grupos Elity Trans e o grupo do Projeto de Extensão “Plataformas Digitais”, composto por militantes, professores universitários, profissionais da área do Jornalismo, da Assistência Social, das Artes, estudantes das áreas do Jornalismo, Relações Públicas, Psicologia, Administração e Artes Visuais, somaram forças, com parcerias com a Rádio UEL (rádio universitária), com o Departamento de Comunicação da UEL e com a Alma Londrina Rádio Web. O corpo vibrátil em ato! Os processos rizomáticos vivenciados em todo processo. Meu corpo já não é mais o mesmo, trans-formou-se. Os corpos pesquisados também já não os são. Na política dos afetos fez-se possível a criação de novas narrativas, a partir da própria pele.

A produção do programa de rádio teve um efeito disparador para outras ações da militância trans. O grupo começou um trabalho junto com a Defensoria Pública e foi criada uma Rede de Proteção e Garantia de Direitos da População Trans de Londrina, em parceria com o Centro Pop, dos viventes das ruas da cidade. A rede está em funcionamento na Ocupação Cultural do Movimento dos Artistas de Rua de Londrina - Kanto do MARL – e semanalmente recebe trans para diversas atividades de saúde e cultura.

Numa das últimas ações do coletivo do programa de rádio, antes do encerramento deste artigo, sobre a divulgação da revista eletrônica, a veiculadora sugeriu um texto para o release de assessoria de imprensa, em que me nominava como representante do programa, o que me causou estranhamento e logo ao partilhar no grupo de whatsapp, criado exclusivamente para as produções do programa, disse que não concordava que fosse o representante, sendo que as legítimas representantes eram as duas trans militantes e participantes de todo o processo de criação do É BABADO, KYRIDA! Elas, que estavam

viajando num evento ligado à militância do movimento trans, enviaram um áudio generoso, em que davam o aval para que fosse representante do coletivo ou coordenador, achando isso indiferente e colocando-se como parte do coletivo e colocando-me como quem havia tomado iniciativa e integrante desta história. Sim, somos todos integrantes desta história, todos integrantes deste coletivo, mas pedi as devidas alterações no texto de divulgação. Não há porque alguém representar xs transexuais. Não há motivo para um professor universitário representar esse coletivo produtor de narrativa contra hegemônica da população trans. O protagonismo deve ser todo da comunidade trans. Basta de verticalizações. Deixemos que a população trans fale por elxs mesmxs!

Referências Bibliográficas

BENTES, Ivana. Redes Colaborativas e Precariado Produtivo. Periferia: Revista de Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da FEBF/UERJ, v. 1, n.1. Rio de Janeiro: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/issue/view/262>, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix; tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

GREEN, James & POLITO, Ronald. Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MERHY, Emerson. O conhecer militante no sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. In: FRANCO, PERES, FOSCHIERA et alls. Acolher Chapecó: uma experiência de mudança do modelo assistencial, como base no processo de trabalho. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.